

quada de exprobação ou moveu á acção conveniente de castigo, a nós que sempre nos declaramos opostos a toda a guerra que não seja a *nossa guerra*. Agora que o país é chegado ao termo logico da vertiginosa carreira, temos porventura o direito de nos erguermos... para brandir frases?

A invasão; a conquista! que temos nós com isso? — teimam em dizer os lusos jemenfichistas operarios. Ainda bem que não os ouve a classe trabalhadora, a população pobre das regiões invadidas, da Servia, por exemplo, onde os exercitos invasores, ao que se afirma em letra redonda, mataram mais de cem mil mulheres e crianças que não puderam fugir a tempo! Ainda bem!

Muitos confundem patriotismo com etnografia. A esses já alguém respondeu: — que a etnografia está para o patriotismo, assim como o panteismo para o misticismo religioso.

Que só se fala de guerra, observa-se. Como não ha de ser assim, se por ela foi atingido tudo, e é revolvido tudo: coração, cabeça e estomago!

A' campanha da paz já, seja como for, responde a campanha da guerra até ao fim. E' um exagero oposto a outro exagero. Tirem ás duas formulas o que ha nelas de imperioso e absoluto, e terão encontrado o terreno em que possam entender-se todos; porque nem o «já» de uns será tão proximo que importe submissão, nem o «fim» de outros tão distante que signifique exterminio. — QUALQUER.

Dialogo — Que pensas da guerra?
— É' o resultado do capitalismo.

— Pois sim; mas a invasão da Belgica é monstruosa.

— Nós só temos um inimigo: é o capitalismo.

— O que eu não comprehendo é como os socialistas alemães não encontraram meio de protestar contra a violação da neutralidade belga, desde 1839 garantida pelas autoridades alemãs.

— Para um proletario, suportar os capitalistas belgas ou os capitalistas alemães é tudo um.

— É parece-me uma grande patifaria fazer marchar á frente das tropas, as mulheres, as crianças e os velhos, como fize-

ram os alemães na Belgica, no principio da guerra, afim de se protegerem contra os soldados franceses.

— O nosso inimigo é o capitalismo.

— Sabes o que são os gazes asfixiantes? Os sofrimentos que êles occasionam, são atrozes. Os menores vapores de clo-ro tornam-se insuportaveis. A dose de crueldade que é necessario ter para se empregarem semelhantes processos de matar!

— Que pode importar-nos a fórmula dos instrumentos de morte! Tudo vem do capital.

— O torpedeamento. do «Lusitania» encheu-me de indignação.

— E' um fruto do capitalismo.

— E abalou-me extraordinariamente a execução de miss Cawell, que de mais a mais não fizera outra coisa senão observar os costumes de hospitalidade que fazem a gloria dos proprios selvagens.

— Eu continúo a ver um só inimigo: o capitalismo.

— Sabes que os alemães deportam para a Alemanha os operarios belgas que se recusam a trabalhar para a autoridade alemã?

— Ser explorado pelos capitalistas alemães ou pelos capitalistas belgas, é para nós uma e a mesma coisa.

— A população belga morre de fome. Os alemães retiram do país tudo o que podem: cereais, gados, toda a especie de subsistencias. Centenas de milhares de pessoas desaparecem por causa do regime militarista prussiano.

— Em tudo isso eu não vejo mais que um efeito do capitalismo. Em França havia Schneider, na Alemanha Krupp. Capitalismo, não tenhas duvidas. — (*La Libre Fédération*).

